

1. South Beach

Miami, 2007

O ROLLS-ROYCE PLATINA com vidros à prova de balas deslizou para a Palmetto Expressway na direção de Miami Beach, com seis pinturas roubadas no porta-malas blindado.

Grandes obras de Degas, Dalí, Klimt, O’Keeffe, Soutine e Chagall estavam grosseiramente empilhadas, embrulhadas uma a uma com papel pardo fino e fita crepe. No banco do motorista, um milionário parisiense chamado Laurenz Cogniat pisava fundo no monstro de três toneladas. Passou para a pista da esquerda beirando os 130, depois 140 quilômetros por hora, a ameaçadora grade de aço inoxidável abrindo caminho.

Na Interestadual 95, o Rolls virou, cintilante, na direção sul, disparando pelo elevado de concreto, a linha do horizonte de Miami à frente. Laurenz pegou a saída do Martin Luther King Boulevard, fez uma curva fechada e voltou à interestadual, ainda rumo ao sul. Seus olhos verdes frios se alternavam entre a estrada e o retrovisor. Ele esticou o pescoço e examinou o céu azul-escuro da Flórida. De tempos em tempos pisava no freio, reduzindo para 70 ou 80 por hora e entrando na pista da direita, e de repente pisava fundo de novo. No banco do carona, um camarada roliço de cabelos desgrenhados com um rosto redondo caloroso, um francês que se identificava como Sunny, resistia bravamente, com um Marlboro apagado entre os lábios. Também procurava veículos suspeitos.

No banco de trás, dei uma conferida no meu Rolex emprestado e fiquei olhando, divertido, enquanto a cabeça de Laurenz balançava e se inclinava conforme o tráfego. Naquele ritmo, chegaríamos cedo, desde que Laurenz não chamasse a atenção de algum guarda de trânsito ou nos matasse

antes. Ele mudou novamente de pista e eu agarrei a alça de apoio no teto do carro. Laurenz era um amador. Um magnata do setor imobiliário entediado vestido com camiseta de gola em V, jeans desbotados e sandálias, ele ansiava por aventura e achava que era daquela forma que criminosos deviam agir a caminho de um grande negócio – dirigir de modo irregular para ter certeza de que não estavam sendo seguidos. Exatamente como nos filmes.

Eu revirei os olhos por trás dos óculos escuros espelhados.

– Relaxa. Fica calmo, falei.

Laurenz apertou os lábios e pisou fundo no acelerador. Tentei novamente.

– Ahn... é meio difícil passar despercebido pela polícia quando você dirige a 140 por hora pela I-95 em um Rolls-Royce Phantom platinado.

Laurenz acelerou. Como tinha subido na vida sozinho, ele não acatava ordens de ninguém. Sunny, ainda de tromba por eu não ter permitido que ele levasse uma arma, também me ignorou. Passou os dedos curtos pelos cabelos grossos e olhou pela janela em silêncio. Eu sabia que ele estava nervoso. Ele se preocupava por Laurenz ser temperamental demais – um chorão e no fundo um covarde, um sujeito que podia parecer forte e durão, mas com quem não se podia contar caso as coisas ficassem complicadas. Sunny não falava muito inglês e eu não falava muito francês, mas sempre que conversávamos sobre Laurenz concordávamos numa coisa: precisávamos dos contatos dele. Apertei mais meu cinto de segurança e calei minha boca.

Os dois franceses nos bancos da frente me conheciam como Bob Clay. Ao usar meu verdadeiro prenome, eu estava seguindo uma regra fundamental quando se trabalha disfarçado: reduzir as mentiras ao mínimo. Quanto mais mentiras você contar, de mais coisas terá que se lembrar.

Sunny e Laurenz acreditavam que eu era uma espécie de marchand americano de caráter duvidoso, alguém que trabalhava tanto dentro da lei quanto do lado ilícito do mercado de obras de arte, um negociante internacional com experiência em transações multimilionárias. Não conheciam minha identidade verdadeira: agente especial do FBI e investigador sênior da Equipe de Crimes contra a Arte da instituição. Não sabiam que o criminoso europeu que fora meu fiador em Paris era na verdade um informante da polícia.

Ainda mais importante que isso, Sunny e Laurenz consideravam a venda das seis pinturas naquele dia como um mero prelúdio para O Grande Negócio.

Juntos, com as conexões deles no submundo francês e meu dinheiro, estávamos negociando a compra de um Vermeer desaparecido havia anos, dois Rembrandt e cinco estudos de Degas. Essa coleção de arte valia 500 milhões de dólares e, muito mais significativo que isso, tinha má fama. Eram exatamente as obras-primas roubadas dezessete anos antes, no maior crime contra a arte ainda não solucionado da história: o roubo do Isabella Stewart Gardner Museum de Boston, em 1990.

O roubo do Gardner há muito assombrava o mundo da arte e os vários investigadores que fracassaram em encontrar os ladrões e recuperar as pinturas. A polícia de Boston e o escritório local do FBI investigaram centenas de becos sem saída, verificando qualquer pista, por menor que fosse, todos os boatos sem sentido e descobertas não confirmadas. Desmontaram teorias formuladas por vigaristas e pilantras interessados na recompensa de 5 milhões de dólares. Com o passar dos anos, novos suspeitos surgiram e antigos morreram, alguns em circunstâncias misteriosas. Isso ensejou inúmeras teorias da conspiração: foi a máfia, foi o IRA, foi um roubo encomendado por um magnata estrangeiro; os ladrões não sabiam o que estavam fazendo, eles sabiam perfeitamente o que estavam fazendo; os invasores já tinham morrido há muito tempo, ainda estavam vivos, morando na Polinésia; era um trabalho interno, a polícia estava envolvida; as pinturas foram enterradas na Irlanda, estavam escondidas em uma fazenda no Maine, estavam penduradas nas paredes do palácio de um príncipe saudita; foram queimadas pouco depois do crime. Jornalistas e escritores tinham investigado e feito apostas especulativas e escandalosas. Cineastas produziram documentários. A lenda do roubo do Gardner crescia a cada ano, tornando-se o santo graal dos crimes contra a arte.

Naquele momento eu acreditava estar a poucas semanas de solucioná-lo.

Tinha passado nove sofridos meses disfarçado, seduzindo Sunny e Laurenz, fazendo amizade com eles para conquistar sua confiança, e toda a encenação daquele dia em um iate alugado era uma das últimas etapas

desse processo, concebido para provar sem sombra de dúvida que eu era um sujeito sério. As seis pinturas na mala eram falsificações, cópias que eu escolhera em um armazém do governo, mas boas o bastante para enganar Laurenz e Sunny. O roteiro do FBI determinava que nós três déssemos um curto passeio a bordo de um barco alugado, *The Pelican*. Na embarcação nos encontraríamos com um traficante de drogas colombiano e seu pessoal e venderíamos a ele as pinturas por 1,2 milhão de dólares, pagos em um misto de transferências bancárias, moedas de ouro e diamantes. É claro que o criminoso e todos os outros no iate – seus capangas, as mulheres sensuais, o capitão e os garçons – eram colegas do FBI disfarçados.

Enquanto seguíamos na direção de nossa saída, repassei mentalmente o roteiro e imaginei os preparativos de última hora a bordo do *Pelican*: o traficante colombiano abrindo um cofre, retirando um punhado de Kru-gerrands e um saco de diamantes; as quatro gatas morenas, corpos firmes, na casa dos vinte anos, com suas Glockes escondidas e seus biquínis; os garçons em uniformes de linho branco arrumando tortilhas, molho, um excelente rosbife, colocando duas *magnum* de champanhe em baldes de gelo; um irlandês taciturno sozinho em um sofá curvo de cor creme, debruçado sobre mensagens de texto em um BlackBerry prateado; o capitão ativando câmeras de segurança escondidas e apertando “gravar”.

O Rolls disparou na direção leste até a MacArthur Causeway, a majestosa conexão entre o centro e Miami Beach. Faltavam cinco minutos para chegarmos.

Pensei no telefonema que dera para minha esposa mais cedo naquela manhã. Sempre ligava para Donna nos últimos momentos antes de um trabalho sob disfarce. Dizia “Eu te amo”, e ela também. Eu perguntava sobre o seu dia e ela falava das crianças. Era sempre rápido, um minuto ou dois. Eu nunca dizia onde estava ou o que iria fazer, e ela sabia que não devia perguntar. O telefonema não apenas me acalmava como servia de lembrete para eu não bancar o herói.

Sáimos da ponte e Laurenz entrou no estacionamento da marina. Parou o Rolls em frente à cabine com cobertura azul e branca. Pôs uma nota de cinco dólares na mão do valete, pegou o tíquete e se virou na direção do iate. De nós três, Laurenz era o mais jovem e o que tinha a melhor forma

física, mas marchou diretamente para o grande barco branco, deixando que Sunny e eu descarregássemos as pinturas. Sunny não ligou. Ele era um cara com relações na França, ligado a uma das cinco famílias da máfia de Marselha, conhecida como La Brise de Mer, uma organização que tem como marca assassinatos cometidos por motociclistas. Mas Sunny não era um líder; era um soldado, e com um histórico irregular. Ele não gostava de falar sobre o assunto, mas eu sabia que seu passado de roubo e violência no sul da França remontava ao final da década de 60. Ele passara os anos 90 em rígidas prisões francesas, depois fora detido duas vezes por agressão qualificada, antes de fugir para o sul da Flórida.

A história de Laurenz era o típico exemplo do imigrante da Flórida: um ex-contador responsável por transferências financeiras de mafiosos de Paris, ele fugira da França como procurado. Chegou a Miami com 350 mil dólares em meados da década de 90, no início do boom dos imóveis. Realizou o sonho americano com uma combinação inteligente de empréstimos sem juros e um bom olho para propriedades desvalorizadas – além de alguns subornos dos credores certos no momento certo. A maior parte do que Laurenz me disse era verdade, e no papel ele provavelmente valia 100 milhões de dólares. Morava em uma casa avaliada em cerca de 2 milhões, com piscina e jet skis ancorados em um canal particular que levava à baía de Miami. Vestia camisas com monogramas e raramente passava uma semana sem fazer as unhas. Laurenz usava o Rolls Royce para ir a qualquer lugar, a não ser quando tinha de levar os cães. Para isso usava o Porsche.

Sunny e Laurenz não haviam se conhecido na França, e sim em Miami, mas tinham ligações com algumas pessoas em comum na terra natal, mafiosos com acesso ao pessoal que escondia na Europa o Vermeer e os Rembrandt roubados. Grampos da polícia francesa confirmaram que Sunny e Laurenz falavam regularmente com conhecidos ladrões europeus de objetos de arte, e nesses telefonemas discutiam a venda de um Vermeer. Só havia um Vermeer desaparecido no mundo, aquele do Gardner.

Enquanto me aproximava do iate, estudei a cena – a recepção calorosa, as gatas de biquíni, o calipso atordoante –, e aquilo me soou ligeiramente fora do tom. Pensei se não estávamos exagerando. Sunny e Laurenz não eram idiotas. Eram bandidos experientes.

Sáímos para o mar e percorremos o porto de Miami por uma hora. Comemos, bebemos espumante, apreciamos a paisagem. Era uma festa. Duas mulheres sussurravam no ouvido de Sunny, enquanto Laurenz e eu batíamos papo com o principal traficante colombiano. Na metade do passeio, uma terceira mulher foi mais ousada. Agarrou uma taça de champanhe e uma tigela de frutas e gritou: “Concurso de comer morango!” Correu para o convés, estendeu um cobertor e se ajoelhou. Balançando um morango na altura do rosto, cobriu-o com chantili e colocou-o lascivamente entre os lábios com gloss. Chupou a fruta lentamente, e depois foi a vez das outras agentes disfarçadas. Eu estava achando aquilo tudo um bom divertimento para amantes de traficante, até que elas cometeram um erro idiota. Escolheram Sunny como juiz do concurso, colocando-o no centro das atenções. Aquilo não estava certo – o camarada gorducho de posição mais baixa na hierarquia do nosso grupo recebendo tratamento real. Sunny se contorcia, desconfortável. Enfiei as mãos nos bolsos e olhei para as mulheres.

Mais uma vez nossa investigação estava saindo perigosamente do rumo – mais um caso de gente ansiosa demais por desempenhar um papel. E não havia muito que eu pudesse fazer em relação a isso.

Odiava essa sensação de desamparo. Como era o único agente infiltrado do FBI trabalhando em casos de crimes contra a arte, estava acostumado a me expor. Era verdade que tinha a fama de me colocar em risco, mas também alcançava bons resultados. Em dezoito anos no departamento, já havia recuperado 225 milhões de dólares em obras de arte e antiguidades roubadas – ícones da história americana, clássicos europeus e artefatos de antigas civilizações. Construía uma carreira capturando ladrões de obras de arte, fraudadores e comerciantes do mercado negro em quase todos os ambientes artísticos, agindo disfarçado em lugares tão distantes quanto Filadélfia, Varsóvia, Santa Fé e Madri. Resgatara obras de arte de Rodin, Rembrandt e Rockwell, e peças históricas tão diversas quanto o cocar do índio apache Jerônimo e uma cópia da Carta de Direitos dos Estados Unidos, cujo original se perdera há muito tempo. Estava a poucos meses de recuperar o manuscrito original de *A boa terra*, de Pearl S. Buck.

Eu acreditava que casos de crime contra a arte não podiam ser tratados como transgressões comuns, como o tráfico de drogas ou assaltos violen-

tos em Boston. Não estávamos indo atrás de mercadorias quaisquer, tipo cocaína, heroína ou dinheiro lavado. Estávamos em busca do inestimável – da arte insubstituível, de instantâneos da história humana. E aquele era o maior de todos os casos não solucionados.

Ninguém no barco tinha experiência numa investigação desse tipo, e poucos agentes do FBI haviam feito isso alguma vez. A maioria dos órgãos de repressão americanos, incluindo o FBI, não se preocupava muito em recuperar obras de arte roubadas. Eles preferem fazer aquilo que sabem melhor: caçar ladrões de bancos, traficantes de drogas ou criminosos que cometem fraudes contra investidores. Atualmente, o FBI está tão concentrado em impedir outro ataque terrorista que quase um terço dos 13 mil agentes do departamento passa seu tempo caçando o fantasma de Bin Laden. Há muito não existe interesse em crimes contra a arte. Durante muitos anos depois do 11 de Setembro isso foi uma vantagem para mim. Eu me arrisquei em meus casos e permaneci na sombra. Em geral meus supervisores eram competentes, ou pelo menos suportáveis. Confiavam no meu trabalho e me permitiam agir de forma autônoma tendo a Filadélfia por base.

A Operação Obra-Prima, o nome que outro agente dera ao caso Gardner, era diferente. Agentes dos dois lados do Atlântico estavam sedentos por uma fatia daquele grande prêmio. Supervisores em quase todos os escritórios envolvidos – Miami, Boston, Washington, Paris, Madri – exigiam papel de destaque, já que quando o caso fosse solucionado todos iriam querer uma parcela da glória, seus retratos nos jornais, seus nomes no comunicado à imprensa.

O FBI é uma burocracia gigante. Segundo as regras, o departamento em geral atribui os casos à equipe apropriada na cidade em que o crime aconteceu, independentemente da habilidade. A maioria das investigações sobre crimes contra a arte é conduzida pelas mesmas unidades locais do FBI que lidam com roubo de patrimônio comum – o esquadrão de assaltos a bancos/crimes violentos. Uma vez atribuídos, os casos raramente são transferidos posteriormente. Para a maioria dos administradores de nível médio, a prioridade não está nos casos, e sim nas carreiras. Nenhum supervisor quer tomar uma decisão controvertida, como transferir um grande

caso para o quartel-general ou uma unidade de elite, como a Equipe de Crimes contra a Arte, porque isso poderia insultar ou constranger outro supervisor e, potencialmente, prejudicar a carreira de alguém. Assim, a investigação do caso Gardner – o maior crime contra o patrimônio na história dos Estados Unidos e o maior crime contra a arte do mundo – foi conduzida não pela Equipe de Crimes contra a Arte do FBI, e sim pelo chefe do esquadrão de assaltos a banco/crimes violentos de Boston.

Esse foi, é claro, o grande caso da carreira desse supervisor, e ele passou muito tempo cuidando para que ninguém o tomasse dele. Não gostava de mim, provavelmente por causa da minha reputação de correr riscos, agir rapidamente, tomar decisões sem esperar aprovação por escrito – atitudes que poderiam colocar sua carreira em perigo. Ele já tentara me afastar da investigação, escrevendo um longo e ultrajante memorando em que colocava em dúvida minha integridade, um documento cuja autoria depois negara. Embora eu estivesse de volta ao caso, o supervisor insistira em incluir no pacote um de seus agentes disfarçados de Boston. Era o seco e taciturno americano de origem irlandesa instalado no sofá do barco, concentrado em suas mensagens de texto. Considerei a estranha presença dele um foco dispersivo, um ingrediente desnecessário que ameaçava alertar os espertos Sunny e Laurenz.

Os supervisores em Miami e Paris eram melhores que o de Boston, mas não muito. Os agentes de Miami pareciam mais à vontade caçando quilos de cocaína do que um punhado de pinturas elegantes, e sonhavam em atrair Sunny para um negócio com drogas, criando outro elemento de dispersão. O conexão do FBI em Paris estava preocupada demais em manter seus pares na polícia francesa satisfeitos, e sabia que eles só ficariam felizes se as prisões acontecessem na França, onde poderiam fazer um estardalhaço. O comandante francês chegara até a me ligar no dia anterior à operação no iate perguntando se eu poderia cancelar o encontro. Disse que precisava de tempo para infiltrar um agente francês disfarçado no barco, e pediu que eu reduzisse minha importância na ação como o principal especialista em arte. Contive o impulso de perguntar por que eu deveria receber ordens de um policial francês em uma operação americana na Flórida. Em vez disso, respondi simplesmente que não podíamos esperar.

Participar de operações infiltrado já é estressante o suficiente sem precisar escapar da interferência de pessoas que deveriam estar lhe dando cobertura. Você nunca sabe se os bandidos acreditaram na sua história ou estão montando uma emboscada. Um deslize, um comentário fora de hora basta para que um caso vá por água abaixo. No mundo dos grandes crimes contra a arte, no qual você está comprando pinturas que valem 10, 20 ou 100 milhões de dólares, o vendedor espera que o comprador seja um verdadeiro especialista. Você tem de projetar uma imagem de conhecimento e sofisticação que é fruto de muitos anos de formação. Isso não pode ser fingido. Nesse caso, estávamos lidando com pessoas ligadas à máfia mediterrânea, criminosos sem senso de humor que não se limitavam a matar informantes e policiais disfarçados: assassinavam também suas famílias.

Depois que o concurso de comer morangos terminou e eu “vendi” as pinturas para o colombiano em uma longa encenação, o iate começou a retornar lentamente para o cais. Caminhei até a popa sozinho com meia taça de champanhe e me virei para receber no rosto o ar fresco do mar. Eu precisava daquilo. Geralmente sou um cara amável e otimista – *nunca* me aborreço por coisas pequenas –, mas nos últimos tempos andava irritado. Pela primeira vez agir disfarçado estava me fazendo perder o sono. Por que eu estava arriscando minha vida e minha reputação duramente conquistada? Tinha muito pouco a provar, e muito a perder. Sabia que Donna e nossos três filhos podiam sentir meu estresse. Estávamos todos de olho no calendário. Em dezesseis meses eu poderia me aposentar com salário integral. Meu supervisor na Filadélfia era um velho camarada que fecharia os olhos caso eu fizesse corpo mole nesse período final. Eu poderia dar aulas na escola de formação de agentes infiltrados, passar o tempo com a família, pensar numa carreira de consultor, formar um jovem agente do FBI como meu substituto.

O *Pelican* reduziu a velocidade ao se aproximar da ponte, e pude ver o cais, com o Rolls Royce esperando junto à cobertura.

Meus pensamentos voltaram para as obras-primas desaparecidas e suas intrincadas molduras vazias, ainda penduradas no mesmo lugar no Gardner, cerca de dezessete anos após a nebulosa noite de março de 1990 na qual dois homens vestindo uniformes policiais dominaram dois infelizes guardas.

Observei Sunny e Laurenz conversando na proa. Os olhos deles estavam na direção da linha do horizonte de Miami, com as nuvens escuras da tarde e a tempestade vindo das Everglades. O francês gordo e seu amigo rico e enjado representavam a melhor chance do FBI no caso Gardner em uma década. Nossas negociações haviam ultrapassado a fase exploratória. Tudo indicava que estávamos próximos de um acordo em relação ao preço, e já discutíamos a delicada logística de uma discreta troca de dinheiro por pinturas em uma capital estrangeira.

Mas eu ainda achava difícil decifrar Sunny e Laurenz. Será que eles tinham acreditado em nosso teatrinho no iate? E, em caso positivo, cumpririam a promessa de me levar às pinturas? Ou estavam planejando sua própria armação, na qual me matariam assim que eu apresentasse uma maleta cheia de dinheiro? E, supondo que eles aparecessem com o Vermeer e os Rembrandt, será que o FBI e os supervisores franceses realmente deixariam que eu fizesse meu trabalho? Permitiriam que eu solucionasse o mais espetacular roubo de arte da história?

Sunny acenou para mim e eu assenti. Laurenz entrou e Sunny foi na minha direção, com uma taça de champanhe quase vazia na mão. Coloquei o braço em seus ombros.

– *Ça va, mon ami?*, perguntei. – Está tudo bem, meu caro?

– *Très bien, Bob*. Perrrfeito.

Eu duvidava disso, então também menti.

– *Moi aussi*.